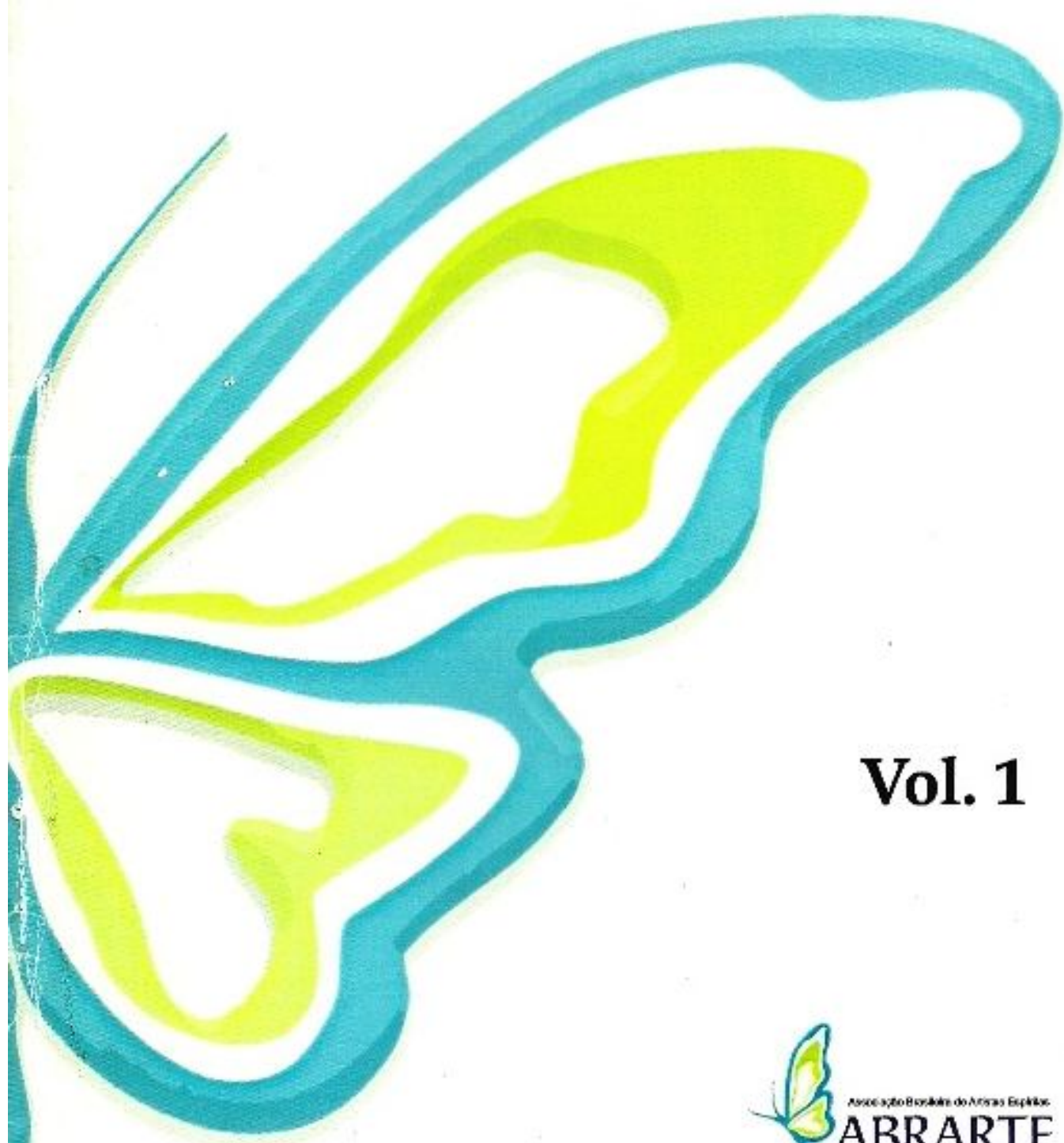


# Cadernos de Arte



**Vol. 1**



# Cadernos de Arte

---

Maio/2008 **Vol. 1**

Cadernos de Arte da Abrarte/Associação Brasileira de Artistas  
Espíritas. ano 1. n.01. Florianópolis: Abrarte,2008.

ISSN

1.Espiritismo Periódicos. 2.Arte Espírita. 3.Artes

<b><i>Apresentação</i></b>	
Rogério Felisbino da Silva e Gláucio Cardoso.....	5
<b><i>Arte e ideoplastia</i></b>	
Clayton Prado.....	7
<b><i>A arte espírita perante a tradição</i></b>	
Gláucio Cardoso.....	9
<b><i>O ator e o processo de ensaio</i></b>	
Edmundo Cezar.....	12
<b><i>A dança como expressão do Espírito</i></b>	
Eneida Nalini.....	14
<b><i>Música Espírita Instrumental</i></b>	
Flávio Fonseca.....	18
<b><i>Pelo Espiritismo em todos os ritmos e cores</i></b>	
Clésio Tapety.....	20
<b><i>Pintura Espírita X Pintura dos Espíritos</i></b>	
Patrícia Moreira.....	22
<b><i>Sois a Luz do Mundo</i></b>	
Edmundo Cezar.....	27
<b><i>Apêndice</i></b>	
Sobre os autores.....	30

# *Apresentação*

---

Com alegria, registramos o lançamento, pela Associação Brasileira de Artistas Espiritas, da presente publicação intitulada “Cadernos de Arte da Abrarte”.

Reunindo artigos produzidos por dedicados companheiros, que se serviram de suas pesquisas e também experiências práticas, ainda que empíricas, tem a presente publicação o objetivo de contribuir para a fomentação, cultural e artística, dentro do movimento espírita brasileiro, concretizando, assim, um dos objetivos institucionais da Abrarte.

Na história cultural da sociedade, diversas foram as transformações ocorridas nas manifestações artísticas. Tais transformações podem ser notadas com uma simples observação dos estilos literários que se sucedem ao longo dos anos: o Barroco dá lugar ao Arcadismo que, por sua vez, perderá seu espaço para o Romantismo, substituído mais tarde pelo Realismo e assim sucessivamente até a atualidade.

Cada estilo necessita de um canal, um veículo para a apresentação de suas propostas. É assim que funcionam as chamadas revistas, que funcionam sempre (e em maior escala no Modernismo) como sustentáculos das idéias reformadoras, e até mesmo das conservadoras, da produção artística.

Dentre as mais relevantes revistas podemos destacar:

- *Lê Parnasse contemporain* recueil de vers nouveaux (O Parnaso contemporâneo recolha de versos novos) [França 1866, 1871 e 1876], na qual constavam os poemas fundadores do Parnasianismo e do Simbolismo.
- *Orpheu* [Portugal 1915], que tem, entre outros méritos, o de ter sido a estréia de Fernando Pessoa no cenário cultural.
- *Klaxon* [São Paulo 1922-1923] e *Revista de Antropofagia* [São Paulo 1928], importantes veículos de divulgação do Modernismo em nosso país.

É interessante ressaltar o papel dos “manifestos” apresentados nessas publicações, manifestos estes que sistematizam, em termos teóricos, aquilo que era apresentado nas produções literárias de então.

Nos dias atuais ainda encontramos tais publicações nas universidades. As revistas acadêmicas são meios relevantes de estudos e fontes sempre atualizadas de reflexões a respeito de arte, história, ciências...

Talvez seja de estranhar, para o leitor de hoje, o nome “revista” para uma publicação que em tudo se assemelha a um livro. Tal denominação pode ser explicada pelo caráter periódico desse tipo de publicação.

O Espiritismo, em sua origem, não ficou alheio ao papel das revistas na propagação dos novos ideais: a *Revue Spirite*, representou um verdadeiro laboratório aberto a serviço da Doutrina. E ainda hoje temos o *Anuário Espirita*, publicado pelo IDE (Instituto de Difusão Espirita), de Araras, desde 1964.

Os *Cadernos de Arte da Abrarte* representarão um dos belos e produtivos exemplos do que são as revistas de arte. E é motivo de júbilo termos um veículo deste quilate a serviço da Arte Espírita.

**Rogério Felisbino da Silva (Presidente da Abrarte)**  
**Glauco V. Cardoso (Organizador do Caderno)**

## *Arte e Ideoplastia*

---

Muito temos falado aos irmãos Espíritas da Arte do ponto de vista moral e antropológico. Mas que tal aumentarmos o nosso campo de visão e colocar a influência da Arte sob uma ótica de ciência espírita?

Começaremos elucidando o que nós chamamos de Ideoplastia que significa “modelagem da matéria pelo pensamento”, como nos informa André Luiz em *Mecanismos da Mediunidade*. É muito comum falarmos sobre as formas de pensamento que gravitam sobre as pessoas que se fixam em determinadas imagens que, na realidade, são frutos das telas mentais geradas por seus sentimentos e impressões. Também é curioso o processo de fixações mentais no Plano Espiritual, em processos dolorosos de longa duração, por conta das idéias demasiadamente presas a sentimentos perturbadores, assunto esse ricamente abordado tanto nas obras de André Luiz, através da psicografia do médium Francisco Candido Xavier, quanto em obras psicografadas por médiuns como Divaldo Pereira Franco entre outros.

Mas todo ser que é sensível à beleza, ganha muito em termos de sentimento trazendo para dentro de si riquezas eternas que o seguirão por toda a sua existência.

A Arte, seja ela a música, o teatro, a plástica, a dança ou a literatura, é uma poderosa influenciadora de sentimentos, logo a pessoa que entra em sua sintonia se vê imediatamente envolvida por o seu efeito benéfico, entrando em comunhão com a Espiritualidade Superior ou descendo para o charco da melancolia e da revolta injustificável.

É comum se dizer “é tão triste que chega a ser lindo!” Ou então “eu quero afogar as minhas mágoas nesta obra”; sabemos que tudo é vibração e que toda a matéria existente não passa de átomos e moléculas em movimento constante, tendo como matriz o que Kardec classificou pelo nome de Fluido Cósmico Universal, especialmente abordado em *A Gênese*. Lembramos que pensamento também é matéria, mas em outra vibração, mais sutil e quintessenciada.

Diferente dos animais nós somos dotados do que André Luiz, em *Evolução em dois mundos*, chamou de “Pensamento Continuo”, e é justamente isso que faz importante a nossa postura elevada quando se trata de emitirmos nossas vibrações pois carregamos a nossa energia por onde quer que formos.

Ao ouvirmos uma música que fala de flores, luzes ou de paz, o nosso “Campo de Energia”, obedecendo aos impulsos das ondas sonoras, plasma em torno de nós o que nos transmite esta mensagem sonora. Mas se ouvimos canções nas quais se fala de tristeza, revolta ou um gozo de paixões sem limite, eis que imediatamente o nosso padrão vibratório muda, dando vazão às fixações de natureza inferior.

A arte sempre sofrerá mudanças de acordo com a época e as ideais, ou seja, o meio, no qual for produzida e quando a arte se modifica, modifica também àqueles a quem ela se dirige. O Espiritismo, que consola e esclarece, aponta novos rumos à arte, rumos sem finalidade puramente religiosa, antes educativa. O artista que encontra no ensino espírita suas ferramentas de trabalho, realiza o que diz Kardec: “*A Arte espírita, (...) inspirar-se-á nos vaporosos e esplêndidos quadros da vida futura que se desvenda*”.

Assim, o poeta, antes curvado e pessimista quanto a sua destinação depois da morte, lança ao mundo o seu poema de gratidão a Deus e à imortalidade, fazendo com que tantos outros com ele elevem suas cabeças para além da nossa pequena realidade. O dançarino transmitirá a dinâmica da evolução e usará a energia de seus movimentos para expressar-se mais pela beleza de seus movimentos que pela massa dos seus corpos.

A beleza de uma obra está na vibração que ela produz... a Arte tem que ter uma finalidade útil para sociedade já que ela é parte integrante de nossas vidas; o artista deve levar o homem às lágrimas, mas não de amargura e sofrimento, e sim de êxtase e elevação espiritual. Sabemos que, enquanto exposto a uma criação artística, estabelecemos sintonia com a mesma, e é o que verdadeiramente atesta o poder contagiante da arte como influenciadora de ideais e, quando os ideais são superiores, elevam o ser retirando-o das suas preocupações costumeiras, despertando-o para a realidade do espírito.

Podemos ajudar muitas pessoas a pensar no bem, auxiliando-as a se desvencilharem de suas fixações mórbidas, tal como idéias de suicídio, transmitindo-lhes, através do belo as aspirações a uma vida melhor, repleta de cores, harmonias, poesias, riqueza de expressões e otimismo; podemos, através da arte elevada, sorver das nossas inspirações elementos de progresso ao bem comum, transmitindo a quem parou no meio do caminho, ânimos novos para o seu retorno à seara do Cristo.

Muita paz!

Clayton Prado  
clayton.cesar.prado@itelefonica.com.br

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- KARDEC, Allan. “Arte Pagã, Arte Cristã, Arte Espírita”. In.: *Revista Espírita* (Revue Spirite, Journal D’études Psychologiques). [s.l.]: EDICEL, s/d.
- KARDEC, Allan. *A Gênese* (La Genèse, lês miracles et lês prédictions selon lê spiritisme). Trad. de Guillon Ribeiro. 34ªed.Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap.XIV,p.273.
- XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo (Médiuns) e LUIZ, André (Espírito). “Ideoplastia”. In:\_\_\_\_*Mecanismos da mediunidade*. 21ªed.Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 137-42.
- XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo (Médiuns) e LUIZ, André (Espírito). “Pensamento contínuo”. In:\_\_\_\_*Evolução em dois mundos*. 19ªed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, p.75-6.

# *A arte espírita perante a tradição*

---

*Assim como a Arte cristã sucedeu a Arte pagã, transformando-a, a Arte espírita será o complemento e a transformação da Arte cristã.*

Allan Kardec

A frase acima tem sido utilizada por artistas espíritas e entusiastas de sua arte como verdadeira bandeira das novas idéias que bafejarão a renovação moral da arte. É de fato uma bela imagem que apreende, em poucas linhas, séculos de história da produção humana.

Dada a relevância da afirmação kardequiana, é justo que sobre ela nos debrucemos, problematizando-lhe o sentido e buscando entender qual será o lugar da Arte Espírita no contexto das manifestações artísticas em geral. Para tanto, traçarei um pequeno panorama histórico, evidentemente resumido por questões do espaço que seria necessário para um roteiro mais completo.

Detenhamo-nos, de início, no que o Codificador chama de **Arte pagã**. O termo “paganismo” tem sido tomado como designativo de tudo aquilo que não se refere ao cristianismo, sendo seu significado mais completo aquele que dá conta de sua ligação às doutrinas politeístas. Quando Kardec utiliza o termo em se tratando de arte está retratando bem a mentalidade de sua época (que também é a de nossa própria) que divide a história humana em duas fases, sendo o nascimento do Cristo seu marco.

Que não se pense, no entanto, que a expressão *pagã* é empregada por Kardec de modo pejorativo. Nem se pode dizer, em se tratando de arte, que a de um tipo ou povo é superior ou inferior em comparação com outras manifestações estéticas que se sucedem no espaço e no tempo.

Sabe-se que as primeiras manifestações artísticas remontam à pré-história e que as chamadas pinturas rupestres, qualquer que fosse sua função cujo conhecimento se perdeu na esteira do tempo, não eram todas iguais, já apresentando diferenças que se poderiam chamar, por comparação, de estilos individuais. Posteriormente, em diversas civilizações, as manifestações artísticas ligavam-se ora à religiosidade, ora a questões puramente estéticas.

Portanto, o vocábulo “pagã” é utilizado por Kardec, e por outros intelectuais de sua época, apenas com a finalidade de estabelecer uma linha temporal.

Com o advento do cristianismo e posteriormente sua disseminação pelo mundo mediante diversos movimentos sócio-político-religiosos, a chamada **arte cristã** passa então a ser a representante direta do poder da igreja. Esta arte dividia espaço com a arte profana (*pro* = fora; *fanum* = templo; literalmente *de fora do templo*) e com ela se comunicava, retirando da tradição artística os elementos que lhe eram necessários para constituir-se enquanto ARTE e fugir do puro e simples proselitismo.

Os diversos estilos ou tendências estéticas que se sucedem no tempo, nada mais são que mostras do pensamento humano em determinada época. Cada estilo buscará na estética anterior os elementos mediante os quais se constituirá como arte, seja através de sua manutenção, seja por sua negação (o que é mais freqüente).

Tomando a frase de Kardec em seu aspecto mais simples, pode-se dizer que a arte espírita será filha natural da Arte Cristã, que por sua vez é filha da Arte Pagã, uma configuração resumida do conceito de **tradição**.

Mas o que exatamente é a tradição? Cito como tentativa de resposta a definição de Octavio Paz:



Entende-se por tradição a transmissão, de uma geração a outra, de notícias, lendas, histórias, crenças, costumes, formas literárias e artísticas, idéias e estilos; [...] (1984: 17)

A Arte Espírita será portanto a herdeira de toda a riqueza de séculos de arte, não havendo possibilidade de ela se constituir sozinha, i.e., sem o diálogo com a tradição cultural humana de séculos e séculos.

Apresentam-se aqui questionamentos relevantes: O artista espírita precisa conhecer arte para fazer arte? A Arte Espírita necessita dialogar com a tradição e a contemporaneidade? Busquemos caminhos para as respostas.

O poeta e ensaísta americano T. S. Eliot assinala que a tradição é obtida pelo artista como resultado de um grande trabalho de aquisição, o que equivale a dizer que para fazer arte é preciso conhecer arte. Neste processo de enriquecimento cultural está envolvido o que Eliot chama de *sentido histórico* o qual

Compreende uma percepção não só do passado mas da sua presença; o sentido histórico compele o homem a escrever não apenas com sua própria geração no sangue, mas também com um sentimento de que toda a literatura desde Homero [...] possui uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea. (1997: 22-3)

Concebemos, portanto, que a Arte Espírita não poderá ser arte por excelência se menosprezar o processo histórico do qual é resultante. Aquele que se propõe a se expressar com conteúdo espírita aliado à qualidade estética deve investir em seu processo de aquisição cultural. Ainda segundo Eliot:

Nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, detém, sozinho, o seu completo significado. O seu significado, a sua avaliação, é a avaliação da sua relação com os poetas e artistas mortos. [...] Os monumentos existentes formam uma ordem ideal, a qual é modificada pela introdução da nova, da verdadeiramente nova, obra de arte. (1997:23)

E quanto ao lugar da Arte Espírita no contexto da tradição? Simples, o mesmo lugar que ocupa a Arte Cristã. A Arte Espírita será mais uma dessas rupturas presentes em toda a tradição da cultura humana. E é justamente por ser ruptura que se ligará à tradição, se levarmos em conta a afirmativa de Octavio Paz que, em *Os filhos do barro*, assevera a existência de uma tradição da ruptura que implicaria numa dupla negação: da tradição e a da própria ruptura. Em termos mais simples pode-se afirmar que a Arte Espírita necessita ter o seu tanto de tradição e o seu tanto de ruptura para que realmente seja ARTE.

Retomando a frase de Kardec, a Arte Espírita complementarará a tradição pois, assim como todas as expressões da sensibilidade humana, desenvolverá elementos latentes das artes que estão aguardando serem devidamente observados; será a sua transformação ao apontar rumos novos que têm sua origem nos antigos conceitos. O diálogo com a tradição e a contemporaneidade leva à qualificação; a Arte Espírita, portanto, só alçará o vôo da borboleta a partir do momento que deixar de estar fechada em si e buscar sua qualificação mediante seu enriquecimento cultural. Tal enriquecimento deve partir de cada artista, dentro de sua própria área de atuação.

Gláucio Cardoso

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- O ELIOT, T. S. *A tradição e o talento individual* (Tradition and the Individual Talent). Trad. de Fernando de Mello Moser: 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas* (Oeuvres Posthumes). Trad. De Guillon Ribeiro. 22ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro* (Los hijos del limo). Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

# *O ator e o processo de ensaio*

---

Parafraseando Fernando Pessoa

O Ator é um fingidor,  
finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente

Estar em cena, diante de um público, interpretando um personagem, é naturalmente caótico, afinal, o ator fala um texto que não é seu, pensa um subtexto que não lhe pertence, anda como outra pessoa, interage com seres que não existem, se movimenta com naturalidade e ainda tem que seguir as 4.800 marcas que o diretor criou. É o Caos!

Ensañar é se preparar para esse instante de apresentar-se. Construir aos poucos ordem na bagunça. Precisamos ser cautelosos, os atores somos seres frágeis. Vale a pena seguir as recomendações de Kardec para o estudo dos fenômenos espirituais: partir do simples para o mais complexo.

Importante no processo de ensaio, para o ator, é a cada dia algo a mais ser construído, aos poucos ir estabelecendo segurança, estruturando um fio onde se segurar nos momentos difíceis.

A inflexão de uma fala pode ser instrumento de lembrança emocional de toda a forma de utilização da voz naquele personagem. Pequeno objeto, amparo para a concentração da atenção. Um elemento qualquer, uma lembrança de emoções e situações.

O processo de ensaio merece empenho e dedicação. Superação de limites: eis a palavra de ordem, se preciso for.

Ensaio menosprezado, interpretação superficial.

Busque estabelecer referências com a realidade, de coisas e pessoas. Conhece alguém que se assemelha ao personagem em sua forma geral ou particular, em uma cena, por exemplo? Use-a.

Mais fácil estabelecer conexão com o que é real, concreto.

Mas a realidade não nos basta. Não tem graça. É preciso subvertê-la. Aí entra a imaginação, que nunca é demais.

A imaginação preencherá tudo aquilo que faltou ao autor e que o diretor deixou escapar.

Há muitos atores que não tomam iniciativas criadoras, chegam para os ensaios e ficam esperando que alguém lhe indique o curso da ação a seguir. Às vezes é necessário um grande esforço para que um diretor consiga inflamar estas naturezas passivas. (...) Só nós, diretores, sabemos quanto trabalho, inventividade, paciência, desgaste nervoso, e tempo são necessários para fazer com que esses atores dotados de um fraco impulso criador estejam estimulados a ultrapassar os limites de seu ponto morto. (Stanislavski, 2001:78)

Três coisas me chamaram a atenção nos bons atores com quem tive o prazer de compartilhar uma cena:

1. Não esperavam muito tempo para obter soluções.
2. Não reclamavam dos outros.
3. Não sofriam com suas escolhas.

Às vezes ficamos nós, pobres atores esforçados, esperando que o tal diretor solucione aquela cena ou nos fale algo que vá resolver nossas inquietações enquanto ele insiste em passar aquela outra cena que não nos apetece. E esperamos, e esperamos, e o tempo passa e não resolvemos nada.

Solucione. Tome suas decisões e proponha suas soluções. Mas como é amedrontador tomar a vida do personagem em nossas mãos, não é? Que medo de errar!!

Certa feita, integrei o elenco de uma peça na formatura de alguns companheiros bacharéis em interpretação; dias antes da primeira apresentação, o cenógrafo resolveu colocar uma corda que sustentava o mecanismo do cenário bem no meio da entrada lateral. A peça era uma leitura de uma obra de Shakespeare e a corda até que combinava com o cenário, mas para os atores...

Fiquei observando as primeiras cenas corridas, todos desviavam da corda como dizendo: “Ela não estava aqui antes, agora está atrapalhando. Que corda chata!”

Mas houve um ator que não fez isso. Em sua primeira entrada pela bendita corda, ele parou, segurou a corda com a mão direita enquanto dizia o texto, um instante denso, de reflexão sobre se ele devia agir ou não, e a corda sendo segura. Apertava a corda e soltava, depois segurava de forma diferente, parecia que a corda sempre estivera ali em todos os dias de ensaio. Era isso: ele não reclamou. Não disse “Não!” Disse “Sim!Essa corda é minha amiga.”

Eu que não sou bobo quando entrei fiz o mesmo, com a diferença que meu pé ficou preso na corda, ou seja: faltou um pouco mais de talento.

Atores: não sofram com suas escolhas. Os personagens não foram feitos para que vocês se martirizem e enfrentem o palco como gladiadores enfrentando leões. Divirtam-se. Abram as portas da criatividade, abracem esse ser amigo que é o personagem e vivam: felizes.

Edmundo Cezar  
edmundocesar@hotmail.com

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- STANISLAVSKI, Constantin. Manual do Ator (Trechos selecionados da obra de Stanislavski). Trad. de Jeferson Luis Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 .

# *A dança como expressão do Espírito*

---

*E que seja perdido o dia que não se dançou uma única vez...*

Nietzsche

Este texto tem por finalidade demonstrar de maneira sucinta como a dança tem representado, através dos tempos, elemento importante dentro do contexto espiritual, seja por meio de ritos em alguma religião ou crença, seja pelo simples ato de celebrar.

No espiritismo, a dança vem ganhando terreno como disciplinadora de ações e sentimentos por ser uma das expressões artísticas que pode trabalhar o corpo visando o bem estar do ser em sua essência.

A dança, além de sua importância por si só, pode auxiliar as outras artes, tornando o artista mais completo, pois desenvolve a consciência corporal, nos fornecendo dimensões maiores para expressar nossos sentimentos.

A pesquisa deste trabalho se fez mediante sites da internet e livros relacionados à dança e ao espiritismo. Alguns filmes também serviram de suporte. O trabalho da *mostra de dança espírita* da cidade de Araras que está na sua 7ª edição, nesse ano de 2008<sup>1</sup> também vem servindo como material de pesquisa de campo para que possamos teorizar e investigar a respeito da dança com temática espírita.

Sendo “a música mediadora entre a vida material e a vida espiritual” (Bettina Von Armin, apud Oliveira, 1995:52) podendo ser usada para a dança acontecer, então, a dança também fica entre o material e o espiritual. Quando se abstém da música, ficam então os sons refletidos através das imagens que a dança pode proporcionar.

Quando o homem começou a dançar?

Acredita-se que o homem pré-histórico tenha desenhado momentos representativos de dança nas paredes das cavernas. Movimentos que se unificados nos lembram uma coreografia fotografada. A arqueologia não deixa de indicar a existência da dança como parte integrante das cerimônias religiosas. Alguns teóricos afirmam que a dança nasceu como uma necessidade de expressão.

Os primeiros registros de atividades dançantes datam do Paleolítico Superior, quando os homens viviam em pequenas hordas isoladas, cultivando um primitivo individualismo, apenas ocupados em coletar alimentos. Não há indicação de que cultuassem alguma divindade ou acreditassem na vida após a morte, nem que possuíssem um pensamento lógico. Ao contrário, dominados pelo pensamento mágico, pareciam acreditar ser possível, através de representação pictórica, alcançar determinados objetivos: abater um animal, por exemplo. Nesse sentido é que se poderia interpretar as pinturas e desenhos encontrados nas paredes e tetos (...) a representação de figuras humanas disfarçadas de animais, numa atitude de executantes de danças mágicas destinadas a alcançar aquele intento. (MENDES, 1987; 9).

O homem demonstra, através dos tempos, como a dança vem auxiliando seu autoconhecimento e suas variadas necessidades de se expressar. A dança muda de caráter e vestimenta através de diferentes momentos históricos, atendendo de uma maneira, talvez sutil, aquelas necessidades. As técnicas aparecem e, algum tempo depois, a negação delas. Os movimentos contemporâneos e os diferentes estilos nos dão

possibilidade de um estudo abrangente sobre as diferenças apresentadas e refletidas em cada momento histórico. No entanto, não cabe a nós fazê-lo neste momento.

### **Papel social da dança**

A dança tem sua relevância dentro de diferentes grupos sociais como, por exemplo, a escola, a comunidade e os grupos artísticos independentes.

Nos grupos espíritas, a dança vem sendo desenvolvida como parte do trabalho espiritual no qual o grupo se insere. Muitas vezes, em várias discussões acerca do trabalho espírita, os coordenadores de trabalho ainda não sabem como definir esta arte que começa a se destacar em nosso meio. Alguns grupos trabalham a temática, observando e cuidando das letras das músicas coreografadas, outros grupos tentam passar uma mensagem que tenha como base os princípios da doutrina.

### **Objetivos da dança na vida do espírito**

A dança desenvolve ricos mecanismos de evolução do pensamento e do sentimento, pois disciplina atos e ajuda na construção de novos pensamentos e desejos. Ela pode promover no espírito um estado de alegria, afastando depressões e tristezas, quando bem direcionada. Renova seus quadros de memória de maneira prazerosa e disciplinada. Eleva o pensamento do espírito, sendo às vezes até caracterizada como uma atividade mediúnica.

A dança:

- modifica a vontade;
- reflete uma maneira de sentir;
- disciplina os sentimentos;
- ajuda a identificar as necessidades espirituais do ser e seus conflitos;
- é um processo educativo;
- processa identificação e limpeza nos quadros da memória e
- explora o pensamento e as emoções.

Acreditamos que a dança, como disciplinadora de sentimentos e conduta, deveria controlar a vaidade, dar consciência do espaço (você no espaço X espaço trabalhado), proporcionar cuidados com o corpo e a mente, com os processos mentais e com as ações como reprodução dos pensamentos.

O trabalho com crianças pode abrir uma oportunidade de vivência e convivência, disciplinando atos e abrangendo sua consciência quanto às possibilidades do corpo, sistematizando condutas.

Com adolescentes a dança disciplina e organiza ATOS, conscientiza a mente, abrange possibilidades do uso do corpo, disciplinando a sexualidade e a libido, ajuda a tratar o corpo como um instrumento do qual se faz uso, pois na doutrina sabemos que é o envoltório do qual nos utilizamos para o cumprimento das nossas tarefas (provas e expiações) no plano material.

Nos adultos percebemos uma reenergização, uma nova educação de postura e respiração e abertura de novas possibilidades de trabalho com o corpo.

O trabalho social cria oportunidades de trabalho nas áreas de teatro, expressão, coreografias e criações artísticas variadas, há valorização e entendimento do corpo, facilitando relações que estabeleçam o respeito como meta, notando-se uma preocupação maior com a saúde e também a multiplicação do trabalho.

A dança, através dos tempos, vem reforçando sua importância no contexto espiritual. Percebemos sempre a mensagem embutida nas danças com temática espírita: danças que permitem a reflexão de valores morais, éticos e espirituais.

Podemos concluir com este texto que a dança é, para alguns artistas espíritas, uma das expressões máximas do espírito, pois o artista se expõe por inteiro usando somente o corpo para sua execução.

A dança é uma aliada das artes, pois nos possibilita praticar nossa consciência corporal nos dando flexibilidade de ações. Ela é a expressão em si, pois seus movimentos podem relatar o que vai no íntimo do artista. Sendo bem trabalhada, com princípios e metas ordenadas dentro de objetivos que atendam à educação postural, moral e de consciência, a dança pode ser uma aliada no crescimento do ser humano, visto como integral, atendendo também às necessidades do espírito. Entende-se por dança, nesta dissertação, os movimentos corporais que podem ou não atender a técnicas. Movimentos que podem representar diferentes estilos e maneiras de se expressar, tendo como ferramenta o próprio corpo, trabalhado para a educação do espírito.

Sabemos que o Espiritismo contém um corpo de idéias todas elas confluentes para a edificação do ser humano em face da vida, no aqui e no agora existencial. Apesar de não ser 'moralista' como muitos de seus adeptos o apresentam, é moralizante em todos os sentidos, porque parte do pressuposto de que só poderemos cumprir nosso destino evolutivo orientando as ações por uma ética fundamentada no amor fraterno, aquele ensinado no Evangelho de Jesus, sejamos claro. (Tourinho, 1991:15)

Observando a questão 127 do livro *O Consolador*<sup>2</sup>, notamos que há uma questão de reforma íntima nos preceitos da pergunta sobre atividade artística. Cabe então, ao coreógrafo, trabalhar simultaneamente o que deve ser esta expressão através da dança. Além disso, a dança desenvolve a confiança, o respeito e a responsabilidade do trabalho em grupo, facilitando, assim, nossa reforma íntima.

Como escreveu Béjart (apud Garaudy, 1973:8)

...o homem está só diante do Incompreensível: angústia, medo, atração, mistério. As palavras de nada servem (...) o que é preciso é entrar em *contacto*. O que o homem busca para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro (...), e é claro, na relação máxima consigo mesmo.

Eneida Gomes Nalini de Oliveira  
eneidanalini@yahoo.com

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- GARAUDY, Roger. *Dançar a vida* (Danser sa vie). Trad. de Antônio Guimarães Filho e Glória Mariani. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- MENDES, Miriam Garcia. *A dança*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- OLIVEIRA, Weimar Muniz. *Renascimento da arte, à luz da terceira revelação*. Goiânia: Feego, 1995.
- TOURINHO, Nazareno. *A dramaturgia Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- XAVIER, Francisco Cândido (Médium) e EMMANUEL (Espírito). *O Consolador*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1940.

1- **A Mostra de Dança Espírita de Araras** acontece todos os anos na cidade de **Araras (SP)**; oficinas, estudos e mostra com temática espírita são enfatizados durante o encontro. Maiores informações: glussari@hotmail.com

2- 127-O preceito “corpo são, mentalidade sadia” poderá ser observado tão-somente pelo hábito dos esportes e labores atléticos?

No que se refere ao “corpo são”, o atletismo tem papel importante e seria de ação das mais edificantes no problema da saúde física, se o homem na sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado, também, a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a em tablado de entronização da violência, do abastardamento moral da mocidade, iludida com a força bruta e enganada pelos imperativos da chamada eugenia(...)

Bastará essa observação para compreendemos que a “mentalidade sadia” somente constituirá uma realidade quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma. (1940:81)



## *Música espírita instrumental*

---

Instrumental? Se faltar letra à composição, como ela pode ser considerada espírita?

Ora, assim como a música não precisa de letra para ser completa a mensagem espírita não necessita de texto para ser bem divulgada.

A arte espírita é aquela capaz de fazer bem às pessoas, levá-las a pensamentos e sentimentos superiores, instigar à reforma íntima, independente de rótulos. É a arte do futuro, conforme a previsão de Kardec: “Assim como a arte cristã sucedeu a arte pagã, transformando-a, a arte espírita será o complemento e a transformação da arte cristã.” (1987: 158).

Nosso presente já é o início desse futuro. Muitas criações artísticas já cumprem esse papel e vivemos a necessidade de empenhar nossos esforços em alastrar essa postura diante da arte.

Os elementos da composição musical são a melodia, a harmonia e o ritmo é uma definição técnica. A letra pode fazer parte ou não de uma peça musical, como um complemento opcional. De um ponto de vista puramente musical, é mais importante na letra o seu valor fonético (o som das palavras) do que seu valor semântico (o significado das palavras).

Naturalmente, o recurso da letra é amplamente utilizado para transmissão da mensagem cristã-espírita, por ser mais direto e de mais fácil assimilação. Mas outras maneiras existem de se atingir tal fim sem uso de texto cantado.

A Música para Ambientação é um bom exemplo desta possibilidade. Na maioria das vezes, aquela música que colocamos de fundo para tranquilizar as mentes e os corações, seja composta para este fim ou aproveitada do repertório já existente, não possui letra.

Outro exemplo interessante são as trilhas para teatro. Muitas produções teatrais espíritas, sejam locais ou de repercussão nacional, contam com trilhas sonoras originais, ou seja, compostas especialmente para a peça. E é natural a utilização de temas instrumentais para determinadas cenas, em que o diálogo entre as personagens está em primeiro plano, e a música funciona como uma moldura que propicia a emoção ideal para o momento. Também na passagem entre uma cena e outra, ou numa cena na qual a linguagem predominante é corporal, ou para fins de coreografia, sempre a música instrumental é bem recebida no teatro. Ora, se a peça é espírita, a música está colaborando na divulgação de temas espíritas, o compositor é espírita, por que não consideraríamos espírita também esta música?

Uma outra categoria é a das músicas inspiradas em livros, contos ou artigos espíritas. Se ouvimos um disco de música instrumental e gostamos especialmente de uma ou mais faixas, certamente vamos ouvi-lo mais e mais vezes. Se no encarte deste disco há uma informação do tipo: “a música tal foi inspirada no livro de mesmo nome, psicografado pelo médium tal, ditado pelo espírito tal”, muito provavelmente ficaremos com vontade de conhecer e ler o livro, não é mesmo? Além disso, a própria composição pode ter um caráter descritivo, e “contar uma história” através de sons.

Deve ser considerado aqui também o valor sugestivo do título. Uma música que não tenha letra, mas chamada “Tributo a Allan Kardec”, ou “Valsa da Mediunidade”, ou ainda “Chorinho da Reencarnação”, por exemplo, com certeza é música espírita.

É curioso notar que não apenas no seio do Movimento Espirita podem-se encontrar composições que trazem uma ou mais das características mencionadas acima.

Vejamos o exemplo do poema sinfônico “Morte e Transfiguração, Opus 24”, do compositor alemão Richard Strauss (1864-1949) (não confundi-lo com a família Strauss das valsas vienenses), bastante conhecido pela música “Assim Falou Zaratustra”, usada no filme *2001 Uma Odisséia no Espaço*, dirigido por Stanley Kubrik em 1968.

“Morte e Transfiguração” foi baseada num texto do violinista Alexander Ritter, que fala de um artista sozinho, pobre e doente, em seus últimos minutos de vida na Terra, cuja debilidade a orquestra representa por meio de um acorde suave e hesitante no início da partitura. Aproxima-se a figura alegórica da Morte, que tenta levar sua alma; os compassos se agitam, mas o artista resiste com todas suas forças, e consegue vencê-la. Porém, exausto pelo esforço, deixa-se cair no leito, e então vê passar diante de seus olhos, como num filme, toda a sua vida. A música descreve através de melodias e texturas orquestrais a inocência da infância, as paixões da juventude e a busca pelo ideal artístico não alcançado. Seu coração se acalma aos poucos, mas uma súbita explosão sonora denota a volta da Morte, que desta vez sai vitoriosa. Mas é quando a alma do artista deixa seu corpo que a música atinge o clímax, inicialmente tumultuada, até desembocar num tranqüilo e brilhante acorde maior, significando que, finalmente, ele encontra a realização de seus ideais artísticos na Eternidade.

Não sabemos se Strauss professou ou mesmo conheceu o Espiritismo, assim como não temos informações a respeito da religiosidade de seu amigo Ritter, responsável pelo programa que foi desenvolvido no poema sinfônico. No entanto, podemos reconhecer nesta bela música alguns conceitos claros da Doutrina (apesar da alegoria da Morte personificada, uma compreensível liberdade poética) que são facilmente aceitos pelo público, despertam o interesse pelas coisas do espírito, amenizam o receio da desencarnação. E tudo isso sem o concurso direto de um texto em forma de letra cantada.

O mais importante é que a música cumpra seu papel de elevação. E, para isto, o que conta é a boa intenção (Jesus no coração) e a sintonia com o Alto (prece e caridade) para captação das mais sublimes harmonias.

Flávio Fonseca  
flafon@musicaespirita.com.br

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- KADEC, Allan. *Obras póstumas* (Oeuvres posthumes). Tradução de Guillon Ribeiro. 22ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

# *Pelo Espiritismo em todos os ritmos e cores*

---

Com todo o respeito a quem não goste de rock (seja de que tipo for), funk, pagode, música clássica, música sertaneja, reggae, entre outros, consideramos que opiniões do tipo “esse ritmo é menos evoluído” ou “esse ritmo é desarmonioso” são sempre manifestações de exclusivismo, preconceito, discriminação, marginalização ou ostracismo cultural. Ainda que inconsciente!

Tais opiniões também se assemelham a um “medo” religioso infantil, sem cabimento no Espiritismo, e que em outros segmentos religiosos gerou juízos de valor do tipo “o rock é coisa do diabo” ou “esse ritmo não agrada a Deus”... como se soubéssemos realmente qual o ritmo que Deus mais gosta de ouvir...

Analisando mais profundamente tais “medos”, percebe-se claramente a intenção de uniformização de estilo.

No movimento artístico espírita isso deve ser motivo de alerta; o que houve com o velho lema espírita: “UNIFICAÇÃO SIM! UNIFORMIZAÇÃO NÃO!”?

O que o Espiritismo prega é a união e não a uniformização de seu movimento (o que inclui o artístico).

Seria como dizer: no movimento artístico espírita só se podem usar as cores branca e azul, pois as cores vermelha, verde, amarela e preta são cores inferiores, que sugerem sentimentos e expressões mais baixas.

Seria também como “legislar”: no movimento artístico espírita só se pode usar o compasso 4/4, com andamento de no máximo 60 bpm, sem uso de bateria ou guitarra elétrica (principalmente se for distorcida) e qualquer música que fuja disso não é arte espírita!

Seria ainda como dizer: o evangelho e os princípios espíritas só devem ser traduzidos e ensinados no inglês, no português e no espanhol, pois o alemão, o francês e o japonês são línguas grotescas, inferiores e pouco harmoniosas.

Deus queira que não cheguemos a isso...

No Evangelho não encontramos que a Boa Nova deve ser pregada a todos os povos e em todas as línguas? Então deve ele ser pregado também em todas as cores, ritmos, sons e estilos.

Querer que a música espírita seja composta em apenas um estilo é cometer os mesmos erros dos primeiros apóstolos que não queriam pregar o Evangelho aos gentios.

Já dizia uma música do espírito Noel Rosa gravada pelo Grupo Arte Nascente (GAN): “A malandro velho se ensina o Evangelho é com samba-canção”.

Pela observação da Natureza, podemos também dizer que todas as cores estão na Natureza. Então, todas as cores vêm de Deus.

De igual modo percebemos que todos os ritmos estão na Natureza. Então, todos os ritmos vêm de Deus e todas as cores e todos os ritmos são necessários para o ciclo da vida.

Já pensou se na Natureza tivéssemos apenas as cores branca e azul? Se o Universo seguisse em apenas um ritmo, sem as tormentas ou as calmarias, sem a brisa ou sem o tufão, sem as explosões ou os congelamentos... simplesmente não seguiria.

O ciclo variável é essencial. Numa hora a agitação, noutra a calmaria. O que é importante é saber em que momento cada ritmo deve ser utilizado: se é momento de

agitação, é hora de um ritmo mais agitado, se é momento de calma, é hora de um ritmo mais calmo. Eis o ciclo da própria vida.

Jesus ao curar um cego, provavelmente estava em momento de calma, mas ao expulsar os vendilhões do templo, provavelmente estava em momento de agitação. No primeiro momento, podemos dizer que tocava uma tranquila música clássica, no segundo, ouvia-se um rock bem enérgico. Ambos os ritmos são extremamente importantes para a vida.

Querer que só existisse um ritmo seria transformar o ciclo da vida em algo não renovável, estagnado, que não evolui enfadonho, enfim.

Se prestarmos atenção, por exemplo, em uma palestra de Divaldo Franco, perceberemos que ele utiliza vários ritmos: começa num ritmo tranquilo, voz mansa, relatando algum “causo” histórico; a seguir eleva a voz, se agita, gesticula com as mãos, chega a gritar; depois volta a um ritmo mais lento, prosseguindo com sua palestra sempre com alternâncias na linha rítmica. É um artista espírita, um artista da oratória, que sabe alternar todos os ritmos e entonações nos momentos certos.

Imaginem se lhe disséssemos: "Divaldo, você não pode utilizar um ritmo mais agitado em sua palestra porque a agitação é coisa grotesca, inferior. Se fizer isso, a sua palestra deixa de ser uma palestra espírita! Você deve seguir sempre em um ritmo lento, sem nunca alterar a voz ou a entonação." Seria lamentável...

O que caracteriza a arte espírita não é a forma, mas sim o conteúdo. Não é a língua que você fala, a cor da camisa que você veste ou o ritmo que você entoia; é, simplesmente, a mensagem que você transmite. É como a prece: não importa a forma, mas sim o conteúdo.

Enquanto houver quem diga “música espírita só pode ser aquela que utilize o ritmo A”, haverá também um adolescente fazendo música espírita nos ritmos B a Z só pra contrariar, graças a Deus!

São os Paulos de Tarso contemporâneos: apóstolos dos gentios, dos rockeiros, dos regueiros, dos funkeiros, dos pagodeiros, dos sambistas, e por aí vai...

Deus não abandona ninguém!

Façamos, pois, arte espírita em todas as cores, ritmos e estilos e saibamos utilizar cada coisa no momento certo.

Clésio Tapety  
clesiotapety@hotmail.com

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- THOMÁS, Martha Gallego (médiun) e ROSA, Noel (Espírito). “Expressão Maior”. In: GRUPO ARTE NASCENTE. CD Vida. Goiânia: GAN, 1996.

# *Pintura espírita versus pintura dos Espíritos*

---

Durante toda a história da arte pictórica, os artistas deste seguimento demonstraram em seu fazer artístico inconstâncias significativas em termos de representação de sua arte.

Picasso, por exemplo, com suas fases rosa, azul, e que mais tarde veio revolucionar as artes com uma nova forma de se expressar através do cubismo.

Tarsila do Amaral que pintava formas manuais, acadêmicas, e passou a pintar o moderno expressivo com suas cores fortes e tropicais marcantes, sempre “metamorfoseando” o seu fazer artístico.

Salvador Dali, que antes de se autodenominar surrealista, trabalhou uma época com o expressionismo e o acadêmico clássico. E se fossemos enumerar aqui todos os exemplos, teríamos de falar simplesmente de todos eles, pois nenhum manteve seu trabalho estático.

É evidente! A evolução prossegue em seus variados aspectos, e a arte segue seu caminho salvaguardada pelos aprimoramentos ideológicos e técnicos. Vivenciamos, então, experiências diversas que são notadamente sentidas na obra de arte. E em um trabalho artístico, seja ele qual for, a obra nunca continua a mesma.

Mas o ponto chave é: o que está acontecendo do outro lado da vida? Por que os artistas ainda estão pintando paisagens, vasos de flores, rostos e utilizando-se ainda precariamente de recursos muitas vezes desnecessários?

Não estou falando, é evidente, daqueles artistas que transitam ainda na cegueira no mundo espiritual, mas sim daqueles que já possuem em sua consciência a plenitude de suas faculdades como espírito imortal.

Poderíamos ampliar mais ainda a pergunta anterior: seria, então, a pintura mediúnica um veículo de que eles se utilizam para comprovarem a veracidade da imortalidade de sua alma e a própria identificação de seus feitos como artistas?

Poderíamos dizer que não seria mais necessário eles conservarem as temáticas, pois os traços, as pinceladas, a forma, a técnica, os identificaria de pronto! Bastaria um bom estudioso de arte e ou até mesmo um cientista com um estudo grafotécnico e tudo estaria comprovado. Pintar é a própria impressão digital do artista! Comprovações científicas não faltariam para exemplificar isso.

Mas por que Picasso, um dos artistas mais originais que o século passado produziu, com sua obra revolucionária que dominou a vanguarda artística, com um brilhantismo inventivo e que abrangeu muitos estilos, continuaria ainda fazendo seus quadros cubistas? O que estaria acontecendo?

É claro que tal fator poderia até se dar normalmente, mas o enfoque do artista certamente seria outro.

O espírito que continua a sua existência - desencarnado ou não - possui a incessante necessidade de se reinventar sempre. Mas percebemos que, quando realizada para a multidão, a pintura mediúnica é um espetáculo de fenômenos impressionantes: pinta-se com o pé, mãos, braços, boca e cotovelos e em segundos a imagem surge! Torna-se um show em muitos casos e a turba eufórica, infelizmente, apenas identificaria Picasso se ele pintasse tal qual quando encarnado. Será que as pessoas ainda não estariam prontas para um Picasso pararrrealista e que pinte a arte dos espíritos, onde esteja expressa a ideia da imortalidade?

Poderíamos também considerar que a maioria dos médiuns ainda não seriam instrumentos capazes de expressar o que o artista queira a priori realmente realizar? Seríamos então material humano rude e de péssima qualidade para eles?

Mesmo sendo esse o caso de muitos, a ideia, mesmo embrutecida, permaneceria, a intencionalidade saltaria e a mensagem identificaria a obra.

Porém, se na psicografia o médium não for possuidor de determinado cabedal de informações e vocabulário, não poderia (exceto os médiuns mecânicos) escrever aquilo que não conhecem e que não percebem, do mesmo modo, na pintura, o médium pode não possuir condições culturais e técnicas necessárias para seguir as determinações do pintor desencarnado.

Sabe-se que o médium, por mais flexível que seja, não deixa, pela própria natureza do dom, de exercer certa e inevitável influência no teor da mensagem, senão no conteúdo, pelo menos no acessório, senão no núcleo, pelo menos no circunstancial.

Mas também não podemos nos esquecer de que já vimos diversas pinturas mediúnicas assinadas por Monet, Manet, Renoir, Van Gogh, Picasso, Salvador Dalí, etc., pintados de forma tão bárbara e sem expressividade e que na maioria das vezes não se identifica em nada, com o trabalho deles quando encarnados.

Em artigo publicado no *Jornal Mundo Espírita*, Umberto Ferreira ressalta a necessidade de se considerar a autenticidade do fenômeno em si, buscando averiguá-lo com todo o rigor que o bom-senso espírita reclama. E, se autêntico, examinar a oportunidade de levá-lo ao público, já que nem toda produção mediúnica tem substrato suficiente para servir em nome da divulgação doutrinária, ou para pretender-se elemento probante da existência do Espírito.

A questão continua: por que, após meu desencarne, eu continuarei pintando as mesmas coisas que pintava quando encarnada, mesmo tendo vislumbrado a imortalidade, planos, seres, ambientes diversos “nunca antes vistos”?

Compreendo que muitos continuem como estavam aqui quando encarnados, mas estou falando daqueles que possuem uma lucidez de seu estado. **Será que seria mais fácil a identificação do meu trabalho e assim eu venderia mais?** Creio que não. Nem mesmo pelo fim social. Poderia até ser por questões estabelecidas na espiritualidade, mas sabemos que estes, querem divulgar a imortalidade e possuem todo o interesse, pelo bem da humanidade, de tornar explícita a possibilidade de desenvolvimento constante do belo e do bom.

Telas como “O Martírio de São Dinis”, pintada por Bonnat e existente no Panteão de Paris é uma cópia daquela encontrada em uma cidade espiritual descrita do livro “Os Mensageiros”, de André Luis, psicografia de Chico Xavier; e temos informações sobre o último quadro de Ingres, célebre artista que pintou “O menino Jesus Entre os Doutores”, segundo a Revista Espírita de 1862, e que este teria sido um quadro inspirado, em que o artista se viu envolto em emanções celestes antes de pintá-lo.

Então eu continuaria pintando a mesma coisa apenas por questões de reconhecimento do público? Pelo objetivo primordial da pintura mediúnica? Pela incapacidade do médium? Por que sendo o público ainda “vulgar” não entenderia se fosse de outra forma?

Poderia ser por essas razões todas, mas acredito que não por desejo íntimo do artista, pois compreendo *que o que caracteriza qualquer obra de Arte, espírita ou não, é a originalidade. E me copiar milhões de vezes, ser meu próprio carimbo, não é nada original.* Até mesmo poetas, artistas como Augusto dos Anjos, referendado como o poeta da morte, dos cemitérios, dos ossos e da carne em putrefação, com suas apologias materialistas volveu da “lápide fria” para dizer:

E apesar da teoria mais abstrusa  
Dessa ciência inicial, confusa,  
A que se acolhem míseros ateus,  
Caminharás lutando além da cova,  
Para a Vida que eterna se renova,  
Buscando as perfeições do Amor em Deus<sup>1</sup>.

E nosso Castro Alves, poeta dos escravos, abolicionista que falava da prisão dos corpos, vem agora falar também da outra vida e dos voos das almas:

Conduzo seres aos Céus,  
À luz da realidade;  
Sou ave da Liberdade  
Que ao lodo da escravidão  
Venho arrancar os espíritos,  
Elevando-os às alturas:  
Dou corpos às sepulturas,  
Dou almas para a amplidão!<sup>2</sup>

E tantos outros, como Auta de Souza, Casimiro Cunha, Cruz e Souza, Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes... que vieram lançar as trombetas da imortalidade! E assim se deu na música, se deu no teatro.

Mas o que aconteceu com a pintura?

Não possuímos uma resposta exata do que realmente ocorre, então colocamos a exclamação ao menos para dizer com veemência de que estas telas com vasos, flores, paisagens, rostos, etc., apesar de possuírem temáticas de grande beleza, não trazem em si a doutrina dos espíritos, e que, portanto, não se trata de PINTURA ESPÍRITA! Seriam, pois classificados como pintura mediúnica ou arte em estado modificado de consciência.

Mas se a pintura não possui em seu conteúdo, mesmo que direta ou indiretamente, os postulados da Doutrina Espírita, então poderemos dizer que não se trata de arte espírita, mesmo tendo sido “elaborado” por “artistas espíritos”!

Entretanto, é evidente que existem sim obras com aspectos espíritas, espiritualistas, transcendentais, mas estamos apenas querendo dizer que isso é uma minoria, e que tais trabalhos não são corriqueiros.

Assim como os poetas acima citados vieram falar da outra vida, a nossa pintura também deveria seguir esses aspectos, sejam elas mediúnicas ou não, sabemos que muitos desses artistas ainda ficaram presos ao nosso plano e continuam compondo e versando dentro de seus gênios artísticos, seguindo os mesmos padrões, e que não trazem em seu conteúdo, explícito ou não, o que poderia caracterizá-los como pintura espírita, sem querermos entrar agora no mérito da questão referente à qualidade.

É importante frisar que em hipótese nenhuma estamos diminuindo o valor da pintura mediúnica, inclusive fomos compreender algumas questões importantes referentes a ela depois de algumas pesquisas e principalmente através de uma grande amiga (Lorena Lopes, do Paraná) que em entrevista pessoal informou-nos que a maioria dos trabalhos por ela psicopictografados eram de artistas variados e muitas vezes não conhecidos, que possuíam obviamente a função primordial de divulgar a imortalidade da alma, a doutrina dos espíritos, manter obras sociais, como todos nós já assim o

identificamos, mas que a função principal seria o auxílio magnético de refazimento dessas “almas artistas” que se encontravam ainda enfermas no mundo espiritual.

Obviamente que cada caso é um caso e que o trabalho dela tem este cunho em específico, assim como outros espalhados no mundo têm os seus variados aspectos e funções em concomitância com a vontade do Alto em prol de nossa evolução.

Portanto, é importante compreendermos que não estamos desmerecendo de forma nenhuma a pintura mediúnica, nem querendo colocar em xeque a autenticidade das obras. Apenas queremos abrir aqui questões que não podemos deixar de lado, não podemos fazer de conta que não estamos vendo ou, simplesmente, não dar a devida importância que uma discussão como esta suscita.

Segundo Marlene Fortuna, num clima de total intimidade com as maravilhas da pintura, e de farta alternância inventiva e lúdica para com os diversos planos de cores e formas, poderemos configurar a construção de uma estética surpreendente. Não sendo apenas um trabalho de admiração da beleza, mas um trabalho, que além de conter um valor espiritual regenerativo, repete a eternidade, que neste caso, seja um reflexo projetivo do espírito, representando a dimensão visível da doutrina espírita.

Que os artistas visuais, vocês mesmos, com seus pincéis ainda escondidos, possam sob a inspiração do Pai Maior, pintar, mesmo que timidamente a princípio, ou sem técnicas muito precisas, as paisagens eternas, os globos, as esferas, os espíritos, as passagens evangélicas, os médiuns, a gênese, a espiritualidade e assim por diante.

Divulgando com maior amplitude a Doutrina Espírita através da estética sensível das cores, que será diferenciada somente pelas características artísticas e estilo de cada indivíduo, poderemos vislumbrar, em um futuro próximo, generosos trabalhos que serão arrebatadoramente repletos do ideal do belo e do bom! A arte da pintura espiritualizada poderá estar ainda mais sedimentada aos nossos olhos.

Quando o sentimento do belo se amplifica, é raro que o sentimento moral também não o seja. **A pintura tem de sair de seu estado rudimentar e começar a mostrar sem timidez as verdades eternas!**

Patrícia Moreira  
patricia@patriciamoreira.com

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- FERREIRA, Umberto. “Considerações sobre pintura mediúnica”. *Jornal Mundo Espírita*, Goiás: Federação Espírita do Paraná, 1.427, jun. 2003, p. 3.
  - FORTUNA, Marlene. “Arte, sensibilidade e beleza na pintura mediúnica”. *Jornal Espírita - Órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo*. São Paulo: FEESP, mar. 2001, p. 8.
  - KARDEC, Allan. “O Menino Jesus no meio dos doutores Último quadro do Sr. Ingres”. In: Revista Espírita jun. 1862 (Revue Spirite, Journal D'études Psychologiques). Trad. de Salvador Gentile. 1ª ed. Araras: IDE, 1993, p. 3.
  - XAVIER, Francisco Cândido (médiun) e ALVES, Castro (espírito). “A morte”. In: \_\_\_\_\_. *Parnaso de além-túmulo*. 13ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988, p. 221-5.
  - \_\_\_\_\_. e ANJOS, Augusto dos. “Vozes de uma sombra”. In: \_\_\_\_\_. *Parnaso de além-túmulo*. 13ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988, p. 105-8.
  - \_\_\_\_\_. e LUIZ, André (espírito). Os mensageiros. 28ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
  -
- <sup>1</sup> *Vozes de uma sombra* - Augusto dos Anjos - psicografia de Chico Xavier
  - <sup>2</sup> *A Morte* - Castro Alves - psicografia de Chico Xavier



# “Sois a luz do mundo!”

---

Lembro-me da primeira pergunta que na faculdade de artes cênicas, ao professor de iluminação:

Em que momento da preparação do espetáculo devemos chamar o iluminador?

Ele respondeu:

Na Bahia ou nos Estados Unidos?

Era um brincalhão por natureza, mas muitos o achavam insuportável. Após essa resposta indagativa desenhou no quadro uma reta em que no extremo direito identificou o dia da estreia da peça e no extremo esquerdo o primeiro dia de ensaio. Continuou ele:

Costuma-se chamar o iluminador aqui indicou um ponto na reta um dia antes da estreia, ou aqui outro ponto na reta alguns dias antes da estreia. Mas o correto seria chamar o iluminador aqui indicou um ponto, na esquerda, antes do primeiro dia de ensaio.

Iluminar é REVELAR. Sem luz não tem a peça, ninguém poderá vê-la.

Mais tarde, durante o semestre, compreendi que o verbo “revelar” tem um sentido mais amplo, indicando acentuações da interpretação e da encenação que podem ser *reveladas* pela iluminação ou *não reveladas* por uma iluminação mal feita.

Fiz um paralelo da brincadeira da reta com minhas experiências de teatro amador e pude constatar que nos outros aspectos técnicos do espetáculo, como na indumentária, na cenografia e na maquiagem, sempre alguém tem algum palpite e mesmo que não saiba fazer, se arrisca. Mas em se tratando de iluminação, quem não sabe não se mete. Por isso a questão vai ficando pra depois, pra depois e fica até os dias que antecedem o espetáculo.

Mas não deve ser assim. A utilização da luz tem aspecto fundamental na encenação. Nazareno Tourinho, em sua obra *A Dramaturgia Espírita*, que aborda questões sobre o texto teatral, fala da iluminação e das possibilidades para o autor da peça:

Pela sua textura, pela cor, pela intensidade, a luz pode implantar uma atmosfera especial em cena, pode indicar hora, fornecer ideia do ambiente exterior, etc.

(...)

Estando a par da poderosa influência que a luz exerce sobre tantos detalhes do espetáculo, pode o autor dramático, e deve, valer-se em seus textos das rubricas (observações feitas entre parênteses, antes, no meio e depois das falas) para recomendar este ou aquele acento de luz. (1990: 63-4)

Estimado diretor de cenas, veja alguns exemplos de como a o conhecimento da iluminação pode lhe auxiliar:

O personagem, após discutir com outro, sai de cena, pela porta lateral. A própria porta já vale uma reflexão. Se você usou em cena uma porta “de verdade” é porque seu espetáculo tem um acentuado grau de realismo, ou melhor, de nível de realidade. Então sua iluminação segue a mesma linha de raciocínio. Caso sejam duas da tarde e a porta dá acesso à rua, a luz que vem de fora de cena e que entra pela porta expressa esse horário, pela cor e intensidade.

Talvez pela simples mudança de cor no raio de luz que entra pela porta, quando ela é aberta, você expresse horários diferentes da cena. À noite, entrará a luz da lua. Falando nisso: que cor tem a luz da lua?

Mas também observe que se você usar um refletor tipo PC de 1000w para fazer esse fecho de luz ele terá uma qualidade de luz, que será uma luz bem definida. Talvez teatral demais, digamos assim. Mas se você usar um refletor tipo Fresnel a luz será mais difusa e dará maior nível de realidade ao efeito pretendido. O PC é um refletor quadrado que tem uma lente Plano Convexa, o Fresnel tem dimensões semelhantes ao PC, mas a lente possui sulcos na parte externa, o que provoca maior difusão do fecho de luz.

No entanto, se a sua peça não tiver esse nível de realidade tão intenso, talvez você possa usar um ou dois refletores tipo PAR, de 1200w, que possui um fecho de luz oval, sem possibilidade de controle (o fecho do PC é redondo) e com uma luminosidade mais brilhante.

Tipos de refletores e suas possibilidades são recursos cujos resultados você precisa conhecer para poder usar com precisão.

Ora, mas o espectador vai lá saber que tipo de refletor você usou? Vai ficar preocupado com isso? Se for EU o espectador, VOU, principalmente se a peça não for boa.

É claro que o espectador não vai ficar olhando os refletores, mas vai perceber tudo isso de forma inconsciente e vai aceitar ou estranhar a cena, até mesmo sem saber o porquê.

A grande maioria das pessoas que olha o pôr do sol, não fica olhando e pensando: “Nossa que magenta interessante em contraste com os tons de âmbar. Aquele pássaro voando ao longe dá um certo ritmo ao pôr do sol, costurando nosso olhar pelas nuvens.”

As pessoas simplesmente param e olham... e gostam... e se emocionam...

Assim também é com a obra de arte, você pode contemplá-la e ela significar algo pra você, mesmo você não tendo conhecimentos técnicos para explicá-la.

Em se tratando de iluminação valem alguns alertas e cuidados:

- Não toque as lâmpadas com os dedos. A gordura acumulada queima a lâmpada.

- Mantenha os refletores limpos pelo mesmo motivo acima.

- Transporte com cuidado. Às vezes é melhor retirar a lâmpada para viagens longas para que ela não quebre.

- Quando o refletor estiver ligado, movimente com cuidado. Se o movimento for brusco a lâmpada pode queimar na hora.

- Nunca deixe um desencapado.

- Troque lâmpada sempre com o refletor desligado.

- Certifique-se da voltagem correta. Lâmpadas de 100v ligadas em 220v queimarão na hora.

- Não improvise colocando papel celofane para dar cor à luz. Ele vai queimar. Use filtro de iluminação, mais conhecidos como gelatinas.

- Ao sinal de mau cheiro de borracha queimada desligue tudo e verifique a origem. Às vezes, refletores sujos, quando são ligados, produzem um cheiro incômodo. Imagine que uma aranha vivia ali antes de você ligá-lo e ela acaba de ser torrada pelo calor da luz.

- Refletores PC e Fresnel quando ligados de cabeça para baixo, a lâmpada queima. Nem sempre, para o iniciante, é fácil identificar quando o refletor está de cabeça para baixo.

Após essas breves indicações, vá em frente. Bons experimentos com a iluminação e lembre-se: não deixe para chamar o iluminador um dia antes da estreia.

Edmundo Cezar  
edmundocesar@terra.com.br

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- TOURINHO, Nazareno. *A Dramaturgia Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

# Apêndice

---

## Sobre os Autores

**Clayton Prado** (Americana-SP) Estudiososo do Espiritismo desde 2002, diretor do Departamento de Artes da U.S.E de Americana SP, intermunicipal Americana e Nova Odessa, membro da união de músicos e cantores de Americana: Mensageiros da Harmonia; associado da Abrarte. Cantor, músico e compositor; atualmente atua como Professor de música, sendo atuante em projetos culturais de Americana e trabalhos relacionados à musica espírita.

**Clésio Tapety** (Teresina-PI) Músico autodidata, toca diversos instrumentos: guitarra, violão, baixo, teclado e gaita. Sua primeira experiência musical foi tocando numa banda de rock de Teresina/PI, chamada Capitão Guapo, da qual participou durante cinco anos (1996-2000). Desenhista autodidata, lançou o livro “Estudando o Espiritismo com a Turma do Dequinho” (2004). Dequinho é um personagem de quadrinhos criado em 1999, com o objetivo de divulgar o Espiritismo através de desenhos.

**Edmundo Cezar** (Salvador-BA) quando Artista amador, participou do Elenco Teatral Amantes da Arte (RJ), mais antigo grupo de teatro amador do Brasil. Em Salvador obteve o registro profissional nas funções de Ator, Diretor e Iluminador, após sua participação em Cursos de Extensão e de Licenciatura em Artes Cênicas da UFBA. Premiada pelo Troféu Bahia Aplauda como Revelação do Ano pela direção do Espetáculo “Morre um Gato na China” (1996). Atualmente coordena artisticamente a Comunidade Arte e Paz (BA), a Coordenadoria de Arte e Cultura da Federação Espírita do Estado da Bahia e ocupa a função de Vice-presidente da Abrarte.

**Eneida Gomes Nalini de Oliveira** (Franca-SP) Professora de Literatura e Língua Inglesa (metodologia e prática) graduada pela Universidade de Franca (Unifran). Especialista em Língua Inglesa e Literaturas. Participante ativa do *Instituto Arte & Vida*, da cidade de Franca-SP, desde a sua fundação, como atriz, diretora, monitora e coordenadora de trabalhos desenvolvidos no Instituto. Formada em profissionalizante de ballet clássico pelo Instituto Musical Ars Nova, da cidade de Franca. Estudiosa na área de dança e suas diversas modalidades.

**Flávio Fonseca** (Brasília-DF) Maestro, compositor, arranjador e produtor musical. Possui dez álbuns gravados, entre os quais se encontram “Luz do Ar” e “A Força que Ecoa em Todo Canto” e produziu dezenas de outros artistas, inclusive vários espíritas (Alexandre Paredes, Tânia e Edênio, Giselle Sprovieri, Apostila da FEB, coletâneas para a Sociedade Auta de Souza, etc.). Realizou dezenas de shows no Brasil e exterior e produziu vários de outros artistas, inclusive espíritas (Marielza Tiscate, Grupo Intuição, etc.). Para a *Revista Cristã de Espiritismo - Especial Música* (3 volumes) fez masterização dos CDs de brinde, cifragem, partituras além de ter escrito vários artigos. Regeu durante 2 anos a Orquestra da Comunhão Espírita de Brasília. Escreveu diversos artigos para periódicos espíritas. Ministrou cursos sobre Música Espírita em eventos como FAE, Fecef e Concafras. É responsável pelo site [www.musicexpressr.com.br](http://www.musicexpressr.com.br).

**Glaucio V. Cardoso** (Mesquita-RJ) Estudioso do Espiritismo desde 1989. Professor de Literatura graduado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestrando em Literatura Brasileira pela UERJ. Autor de *Em defesa de um Teatro Espírita*, trabalho vencedor do 1º Concurso de Monografias Espíritas promovido pelo Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB) em 2001. Diretor da Companhia Leopoldo Machado de Arte Espírita (Cialemarte). Ator Espírita com 20 anos de experiência, dramaturgo, orador e crítico literário.

**Patrícia Moreira** (Vitória da Conquista-BA) Artista plástica desde 1993, graduada como Engenheira Agrônoma pela UESB, pós-graduada em Plantas Ornamentais e Paisagismo UFLA e Artes visuais Cultura e Criação SENAC. Capacitada, pelo Instituto Arte na Escola como Arte-educadora. Em 1994 torna-se integrante do Espirarte Grupo Espírita de Arte. Em 1995 obtém o registro profissional na função de atriz. Em 2003 se torna fundadora da Cia Illuminata de Teatro Espírita, da qual é diretora. Em 2006 a Cia. recebe o prêmio da Fundação Cultural do Estado da Bahia para montagens de espetáculos teatrais; no mesmo ano é premiada nos Salões de artes plásticas da Bahia pela FUNCEB, ano que obtém o registro profissional na função de diretora. Associada da Abrarte. Atualmente atua como Professora de artes em escolas da rede particular de ensino, integrante do grupo musical EmCanto premiado em 2007 pelo Fazcultura, professora de Pintura em tela, desenho, escultura e artesanato do Atelier Dalí. Com o intuito de divulgar o Espiritismo elabora desde 2006 pinturas a óleo e desenhos com temáticas espíritas. [www.patriciamoreira.com](http://www.patriciamoreira.com).

A Associação Brasileira de Artistas Espíritas (Abrarte), com fraterna alegria, faz chegar às suas mãos o primeiro volume dos “Cadernos de Arte”. Assim como a própria Abrarte, os Cadernos são formados pelas ideias de companheiros de ideal de diversas regiões da Terra do Cruzeiro.

Reunindo artigos que apresentam pesquisas e experiências práticas, ainda que empíricas, com a proposta de contribuir para a fomentação cultural e artística dentro do movimento espírita brasileiro, os Cadernos vêm concretizar um dos objetivos institucionais da Abrarte.

*Arte e Ideoplastia*

**Clayton Prado (Ameficana-SP)**

*A Arte Espírita Perante a Tradição*

**Glaucio Cardoso (Mesquita-RJ)**

*O Ator e o Processo de Ensaio*

**Edmundo Cezar (Salvador-BA)**

*A Dança como Expressão do Espírito*

**Eneida Nalini (Franca-SP)**

*Música Espírita Instrumental*

**Flávio Fonseca (Brasília-DF)**

*Pelo Espiritismo em Todos os Ritmos e Cores*

**Clésio Tapety (Teresina-PI)**

*Pintura Espírita X Pintura dos Espíritos*

**Patrícia Moreira (Vitória da Conquista-BA)**

*Sois a Luz do Mundo*

**Edmundo Cezar (Salvador-BA)**

